

CONIMBRIGA



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA



VOLUME LIII • 2014

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

MIGUEL SERRA

Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP)

miguelserra@palimpsesto.pt

EDUARDO PORFÍRIO

Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda.

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP)

eduardoporfirio@palimpsesto.pt

SOFIA SOARES

Geobiotec (UID/GEO/04035/2013), Escola Superior de Tecnologia e Gestão

– Instituto Politécnico de Beja

sofia.soares@ipbeja.pt

A ESTELA DA IDADE DO BRONZE DO MONTE DO ULMO
(SANTA VITÓRIA, BEJA)

THE BRONZE AGE STELA FROM MONTE DO ULMO
(SANTA VITÓRIA, BEJA)

“Conimbriga” LIII (2014) p. 5-30

http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_53_1

RESUMO: Em Abril de 2015 foi identificada uma nova estela de tipo alentejano que havia sido recolhida em 2013, no decurso de trabalhos agrícolas, nuns terrenos próximos do Monte do Ulmo (Santa Vitória, Beja), local onde já havia sido assinalada uma necrópole de cistas do Bronze do Sudoeste nos anos 40 do século passado.

A estela do Monte do Ulmo apresenta como único motivo figurado o ancoriforme realizado em alto-relevo sobre um suporte laji-forme em grauvaque de provável origem local.

O reconhecimento do terreno no local do achado revelou indícios

Conimbriga, 53 (2014) 5-30

que poderão pressupor a existência de uma necrópole onde esta estela estaria integrada.

Trata-se de mais um achado do Bronze do Sudoeste que afirma a importância da região de Santa Vitória durante este período, em conjunto com as várias necrópoles de cistas e estelas já aí conhecidas.

PALAVRAS-CHAVE: estela; ancoriforme; bronze do sudoeste; Santa Vitória

ABSTRACT: A new stela from a group called type I stela or Alentejo slabs, was identified in April 2015. This stela appeared in 2013 in the course of agricultural works in a farmland near Monte do Ulmo (Santa Vitória, Beja).

A necropolis of cists dating from the Iberian South-West Bronze Age was identified at the same location in the 1940's.

The stela from Monte do Ulmo shows a single representation, an anchor-shaped object, which has been engraved on high relief in a greywacke stone, probably from local provenance.

Archaeological prospection carried out in the finding area revealed evidence that may presuppose the existence of a necropolis, in which this stela could have been originally.

This piece is the most recent finding of its kind, dating from the Iberian South-West Bronze Age and, along with a number of necropolis and other stelae with the same chronology, previously known in the region, it confirms the importance of Santa Vitória area during that period.

KEYWORDS: stela; anchor-shaped object; iberian south-west bronze age; Santa Vitória

A ESTELA DA IDADE DO BRONZE DO MONTE DO ULMO (SANTA VITÓRIA, BEJA)

Introdução

A região Oeste de Beja reúne a maior concentração de estelas alentejanas que se conhece, registando quase metade do total de descobertas assinaladas até hoje.

A maioria foi identificada em dois períodos da história da investigação desta região. Num primeiro momento, pautado pelas deambulações de José Leite de Vasconcelos nos finais do século XIX por este território, assinala-se a descoberta da estela de Santa Vitória, surgida em 1868 e que foi noticiada como cobertura de uma sepultura. Em seguida foram identificadas as estelas de Trigaches 1 e 2, em 1892, que também foram referidas como tampas de sepulturas. Por fim, no final do século, em 1898, foram identificadas as estelas de Mombeja 1, 2 e 3, mais uma vez associadas a sepulturas, que José Leite de Vasconcelos recolheu para o *Museu Ethnológico* (VASCONCELOS 1906).

O outro período onde há que assinalar novas e importantes descobertas, está intrinsecamente relacionado com o vasto labor científico desenvolvido por duas figuras incontornáveis da arqueologia desta região: Abel Viana e Fernando Nunes Ribeiro. De facto, seria na década de 50 que seriam dadas à estampa duas importantes estelas alentejanas, a do Assento, descoberta em 1956 e a da Pedreirinha, descoberta em data incerta, ambas em herdades localizadas na envolvente da aldeia de Santa Vitória (ALMAGRO BASCH 1966: 95-99; VIANA E RIBEIRO 1956: 161-163), às quais há que acrescentar a estela de São João de Negrilhos, achada em 1958, no vizinho concelho de Aljustrel (ALMAGRO BASCH 1966: 116-117; RIBEIRO 1965: 25).

As restantes estelas localizadas na região Oeste de Beja foram identificadas recentemente fruto de ações mais descontínuas e prolongadas no tempo. Em 1973 assinala-se o aparecimento, em resultado

da prática agrícola, da estela de Ervidel 1, provavelmente oriunda do Sítio da Fonte na Herdade do Pomar (Ervidel, Aljustrel) (COELHO 1975: 195). Mais tarde, a realização de escavações arqueológicas neste local conduziu à descoberta de uma necrópole de cistas onde viria a surgir uma outra estela, esta já enquadrada no Bronze Final (GOMES e MONTEIRO 1977).

Na freguesia de São Brissos (Beja) surgiu nova descoberta em 1998, a estela de Monte Abaixo (BORRELA 2002), que seria estudada alguns anos mais tarde (GOMES 2006).

Por último, há que mencionar a ainda inédita estela do Monte da Carniceira (São João de Negrilhos, Aljustrel), descoberta em 2003 durante a realização de trabalhos agrícolas¹.

Este conjunto de estelas pode ser genericamente atribuído ao Bronze Médio, também designado como Bronze Pleno do Sudoeste em recente proposta (MATALOTO *et al.* 2013: 330), que elimina a subdivisão clássica entre o Bronze do Sudoeste I e II (GOMES 1995; PARREIRA 1995; SOARES e SILVA 1995).

A nova estela de tipo alentejana, que agora se publica, resulta de um achado ocasional no decurso de trabalhos agrícolas realizados numa courela situada na herdade do Monte do Ulmo em Santa Vitória (Beja).

A sua descoberta mereceu um amplo e imediato destaque na imprensa local e foi alvo de uma sessão pública de apresentação, ações que pretenderam funcionar como sensibilização das comunidades para a importância da preservação do património arqueológico e de que resultou a criação de uma exposição intitulada “Estelas da Idade do Bronze de Santa Vitória”, na qual a estela do Monte do Ulmo figurou em lugar de destaque. Foi também alvo de uma curta notícia em revista da especialidade como forma de dar a conhecer ao público mais especializado a sua descoberta (SERRA e PORFÍRIO 2015).

Com o presente texto pretende-se publicar de modo mais exaustivo este novo exemplar, devidamente enquadrado no seu contexto geográfico e arqueológico.

¹<http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitiosresultados&subsid=2444512> [consultada a 15 de Julho 2015 às 11:37].

Peripécias e coincidências de um achado

A descoberta da estela do Monte do Ulmo deu-se de um modo casual, na sequência de trabalhos agrícolas à semelhança de muitas outras estelas, mas também a sua posterior identificação e reconhecimento se dariam de modo completamente imprevisto, durante a realização de uma atividade de lazer que curiosamente era subordinada ao tema da Idade do Bronze na região de Santa Vitória (SERRA e PORFÍRIO 2015).

As comemorações do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios de 2015 no concelho de Beja foram assinaladas com duas iniciativas celebradas na aldeia de Santa Vitória. A escolha desta povoação foi decidida pela popularidade que a região atingiu até meados dos anos 50 e 60 do século passado devido às muitas descobertas realizadas por Abel Viana e Fernando Nunes Ribeiro que identificaram várias necrópoles de cistas, como a Corte da Azinha (VIANA 1954: 19), Mós, Ulmo (VIANA e RIBEIRO 1956:158) ou Monte do Outeiro (PAÇO *et al.* 1965: 150) e também as estelas da Pedreirinha e do Assento (VIANA e RIBEIRO 1956: 161 e 163), para além dos achados anteriores dados a conhecer por José Leite de Vasconcelos, como as três sepulturas de Santa Vitória de onde também é proveniente a estela de Santa Vitória (VASCONCELOS 1906: 180-182).

A importância destes achados parece já não fazer parte da memória coletiva local, o que se afigurou como importante justificação para aí realizar algumas atividades destinadas a recuperar do esquecimento a relevância do conhecimento sobre a Idade do Bronze na região, no seguimento do desafio lançado pela Direção Geral do Património Cultural para as comemorações de 2015 centradas na missão de “Conhecer, Explorar e Partilhar” como propunha o cartaz deste ano.

Assim, foram propostas duas iniciativas sobre o tema genérico da Idade do Bronze na região de Santa Vitória que resultaram da colaboração entre a Câmara Municipal de Beja e os responsáveis científicos do projeto de investigação dedicado ao povoado do Bronze Final do Outeiro do Circo², atualmente localizado na nova circunscrição administrativa da União de Freguesias de Santa Vitória e Mombeja, entidade corresponsável pelos eventos concebidos através da empresa de arqueologia Palimpsesto.

² Miguel Serra e Eduardo Porfírio.

A primeira atividade, realizada a 17 de Abril no Centro Social de Santa Vitória, consistiu numa conferência destinada à população local sobre a temática mencionada, onde foi dado destaque às já citadas necrópoles e estelas da Idade do Bronze identificadas no território da união de freguesias e também às chamadas taças de tipo Santa Vitória que popularizaram esta localidade na arqueologia portuguesa.

No dia seguinte, 18 de Abril, foi a vez de se efetuar um percurso pedestre, integrado numa iniciativa mensal da Câmara Municipal de Beja, designada “Por esses campos fora” e que consistiu numa caminhada com mais de 100 participantes destinada a percorrer as “Planícies de há 3500 anos” passando por alguns locais emblemáticos da Idade do Bronze local.

O percurso teve início no Monte do Ulmo, conhecido na arqueologia portuguesa por se ter identificado importante necrópole de cistas do Bronze do Sudoeste nas suas imediações (VIANA 1947; VIANA e RIBEIRO 1956) e terminava, após jornada de 9 km, na Mina da Juliana, onde no século XIX se encontraram alguns artefactos metálicos deste período, nomeadamente machados e escopros para além de percutores em pedra, numa galeria de mineração a grande profundidade (VEIGA 1891: 211).

De modo a complementar as explicações realizadas em cada um dos locais mencionados foi distribuído aos participantes um desdobrável com textos sobre a necrópole do Monte do Ulmo e sobre os achados da Idade do Bronze da Mina da Juliana. Estes textos eram acompanhados de imagens de alguns dos artefactos aí recolhidos e, no caso escolhido para ilustrar o Monte do Ulmo, foi reproduzida uma estampa retirada do Arquivo de Beja (VIANA e RIBEIRO 1956: 164) onde constavam desenhos de várias cistas da região e alguns materiais arqueológicos, onde cumpre destacar as estelas da Idade do Bronze de Panóias (Ourique) e de Defesa (Santiago do Cacém). O elemento comum entre ambas corresponde à figura do ancoriforme que surge em clara evidência.

Foi este elemento que chamou a atenção do Sr. Cesário Colaço, proprietário do Monte do Ulmo e neto de Manuel Guerreiro Colaço de Brito que em 1943 chamou Abel Viana à sua propriedade para o informar da presença de várias cistas aí surgidas dois anos antes (VIANA 1947: 10), e que indicou a um de nós (MS) que tinha na sua posse uma pedra com um desenho semelhante aos observados no folheto.

A peça em questão encontrava-se junto a uma dependência rural, rodeada de alfaias agrícolas obsoletas, encostada a uma parede com a

superfície decorada voltada para baixo. Após ser virada, observou-se imediatamente e de forma bem nítida a figura do ancoriforme ao centro da peça, de aspeto lajiforme, que exibia ainda algumas fraturas recentes resultantes do momento do seu achado e recolha, que ocorreu cerca de dois anos antes no decurso de trabalhos agrícolas numa courela situada a cerca de 1 km para sul – sudoeste do Monte do Ulmo, tal como nos indicou o seu proprietário e descobridor (Figs. 1 e 2).

A presença de alguns técnicos da Câmara Municipal de Beja no momento da sua identificação facilitou a sua recolha e depósito para instalações da edilidade naquela cidade. Pouco tempo depois foi confirmado o ato de doação pelo seu proprietário e a estela do Monte do Ulmo pôde assim dar entrada oficial na reserva arqueológica do município de Beja, recentemente constituída.

Após se encontrar em depósito, a Câmara Municipal de Beja assegurou a disponibilização de meios técnicos e humanos para a sua limpeza, registo gráfico e fotográfico para posterior valorização e estudo.

Ainda nos primeiros momentos após a sua descoberta foi de imediato efetuada uma comunicação à Direção Regional de Cultura do Alentejo que a registou sob a designação de Estela do Monte do Ulmo, proveniente do sítio Monte do Ulmo 3 com o CNS 35573.

A Estela do Monte do Ulmo

A Estela do Monte do Ulmo foi executada numa litologia grauva-cóide com evidências de foliação. Os grauvaques são um grupo heterogéneo de rochas detríticas. Os fragmentos que constituem estas rochas são arredondados ou angulosos, de origens diversas e de granulometria variada, o que evidencia uma deposição em ambiente submarino de forte energia (turbiditos). Os grauvaques em questão são rochas de cor cinzenta a parda que, através de análise à lupa, mostram uma matriz de textura fina (areno argilosa) onde se identificam fragmentos laminares de xisto negro, abundante quartzo, feldspato e micas, na sua maioria euédricos e muito pouco boleados.

A maioria das fraturas apresentadas pela peça terá uma origem antrópica, posterior à sua execução. Na superfície gravada observam-se dois sulcos de arado, um claramente mais recente do que o outro. As fraturas naturais identificam-se na grande metade inferior da estela e na cabeceira esquerda. Esta última, de dimensão centimétrica, apresenta

vestígios de oxidação. Os dois terços inferiores da peça apresentam lascamentos em toda a sua extensão, não permitindo conhecer a sua feição original com total segurança.

Como trabalhos futuros importa realizar análises mineralógicas e químicas que possam comprovar a natureza grauvacóide dos materiais e a sua correlação com as unidades geológicas da região, para definição mais precisa da sua proveniência.

Importa ainda referir que não foi possível determinar se a cabeceira destacada no terço superior corresponde a realização humana ou se por outro lado a laje já apresentaria esta curiosa forma, o que poderia ter sido a razão da sua escolha como suporte para a figuração. A cabeceira apresenta um ligeiro estrangulamento nos bordos laterais, mais ou menos paralelos, definindo um topo mais estreito que o resto da laje. Os lascamentos existentes no bordo envolvente à cabeceira impossibilitam determinar se teria sido afeiçoada ou se já apresentava esta forma naturalmente.

A sua forma alongada é mais larga na base do que no topo e a clara evidência de fraturas ao nível do espigão mostra que ainda poderia ser um pouco mais larga na base que se fixaria ao solo. Não restam dúvidas da sua fixação vertical uma vez que conserva no terço inferior uma área não insculturada com cerca de 32 cm desde a base até ao início da figura.

Possui 102 cm de comprimento máximo conservado por 38 cm de largura e uma espessura de 11 cm (FIGS. 4 e 5). Se ao nível da altura e largura existe uma certa variedade no conjunto de estelas classificadas como de tipo alentejano, já as espessuras são mais standardizadas e a estela do Monte do Ulmo enquadra-se no grupo mais frequente que surge com dimensões entre os 2 cm e os 15 cm, em cerca de 20 casos. Trata-se maioritariamente de peças efetuadas sobre suportes finos e planos, destinadas a serem vistas numa das faces (DÍAZ-GUARDAMINO 2010: 298).

Exibe um único motivo insculturado que ocupa o centro da laje, tratando-se de um ancoriforme ou bi-ancoriforme, por vezes também designado de duplo ancoriforme. A propósito deste assunto convém referir que a maioria das representações do ancoriforme, que se apresentam completas, revela a dupla âncora sendo a exceção a estela de Alfarrobeira que apenas exhibe a âncora superior (GOMES 1994: 29).

A figura foi realizada em alto-relevo notando-se claramente o desbaste efetuado para definir o contorno do ancoriforme, por vezes

surgindo-nos como um autêntico sulco, o que permite criar um maior destaque da figura. Não são observáveis marcas dos instrumentos utilizados, como por exemplo na estela do Assento que apresenta nítidas marcas do uso de um escopro ou cinzel na envolvente dos elementos representados, o que pode indicar o uso de uma técnica de polimento junto do elemento figurado, tal como evidenciado para outros casos (DÍAZ-GUARDAMINO 2010: 299).

Esta figura tem 47,5 cm de altura, ocupando centralmente a superfície disponível. A parte superior da âncora tem 16 cm de largura e a parte inferior 11 cm, que no entanto está incompleta no terminal esquerdo devido a uma fratura. Já a haste varia entre os 4,5 cm de largura na ligação à âncora superior e os 3 cm junto à âncora inferior.

Ao nível do seu estado de conservação, julgamos, apesar das fraturas já mencionadas, que a peça está completa ao nível da figuração e que a forma conservada estará muito próxima da sua forma original. No entanto, apresenta alguns problemas de conservação devido à existência de alguns destacamentos quer na superfície mais aplanada quer nos rebordos fraturados o que poderá levar a alguns desprendimentos pétreos se não houver lugar a uma consolidação preventiva.

Integra-se no tipo I, conhecidas como estelas alentejanas (ALMAGRO BASCH 1966: 197), e no subtipo A da classificação proposta por Varela Gomes e Pinho Monteiro (1977: 179-183; GOMES 2006: 60) que se caracteriza por uma estrutura compositiva mais simples onde o ancoriforme pode surgir isolado ou associado a um segundo elemento como a espada ou a alabarda. Estes outros elementos são por vezes identificados tipologicamente com paralelos reais, como por exemplo com espadas de tipo creto-micénico e as alabardas de tipo Montejícar ou mediterrânico, assim conduzindo à sua atribuição cronológica a um período compreendido entre 1600 e 1400 a.C. (GOMES 2006: 57).

Numa outra proposta mais recente, Marta Díaz-Guardamino Uribe (2010: 304-305), refere a existência de paralelos entre algumas das espadas representadas nas estelas alentejanas com exemplares metálicos deste tipo de arma provenientes do noroeste, centro e sudeste da Península Ibérica, entre os quais se destaca a excepcional espada de Guadalajara. A mesma autora integra estas estelas no formato 2 cujo desenvolvimento considera que terá início a partir de 2000 a.C. a 1800 a.C. em simultâneo com o formato 1 que apenas exhibe a espada (*Idem* 2010: 304-305).

O exemplar agora publicado não contribui para o esclarecimento do debate acerca da cronologia das estelas alentejanas uma vez que se desconhece o seu contexto primário, impedindo assim a realização de futuras escavações arqueológicas que permitissem a obtenção de datações de radiocarbono. Mesmo considerando essa possibilidade não devemos esquecer a hipótese desta estela poder ter sido reutilizada.

Necrópole(s) do Monte do Ulmo

O local de achado da estela situa-se nas proximidades do Monte do Ulmo, a cerca de 1 km para sul – sudoeste, tal como nos foi comunicado pelo seu proprietário e descobridor, o Sr. Cesário Colaço. Terá sido descoberta em 2013 durante trabalhos agrícolas realizados num terreno para o cultivo de girassol, sem que seja possível determinar o seu local exato, pois o Sr. Cesário Colaço referiu que a pedra foi arrastada durante vários metros enquanto lavrava o terreno, até se ter apercebido do motivo que ostentava e que justificou a sua recolha. Como localização mais aproximada, apenas nos foi indicado o topo de um pequeno cabeço onde os signatários se deslocaram no dia 6 de Maio de 2015 para efetuar o reconhecimento do terreno, na expectativa de registar algum tipo de informação correlacionável com este achado e efetuar a caracterização geográfica e geológica do local.

O terreno mencionado é pouco acidentado, correspondendo a um relevo aplanado que se encontra à cota de 150 m, onde as diferenças de nível raramente ultrapassam os 30 metros, formando uma zona de interflúvio encaixada entre os Barrancos do Corte Azinha e da Chancuda, desaguando ambos, em direção a poente, na Barragem do Roxo.

Embora não existam afloramentos na área prospetada, identificaram-se no local amostras soltas de grauvaques e tufitos ácidos (FIG. 3). Segundo a Folha 8 da Carta Geológica de Portugal, 1:200 000 (OLIVEIRA 1988) a área insere-se na Formação de Gafo, com características flyschoides, evidenciadas na alternância de bancadas de grauvaques e pelitos. As formações geológicas mais próximas – Formação de Pulo do Lobo e a Formação Filito-Quartzítica, evidenciam também nas suas litologias as características gerais da deposição detrítica em ambiente submarino associada a vulcanismo. De uma forma geral são frequentes na região os xistos, os grauvaques, os quartzitos e os vulcanitos ácidos (OLIVEIRA 1992).

Os solos da área em estudo possuem cor castanho-avermelhada e apresentam-se cobertos por depósitos carbonáticos superficiais e subsuperficiais designados por caliços ou caliches. Estes depósitos de carbonatos são friáveis e pensa-se que se terão originado durante o Plio-Quaternário, associados a climas áridos e semiáridos (ALONSO-ZARZA e TANNER 2010). Recobriam a peça aquando da sua descoberta.

Dos materiais líticos disponíveis na região serão os grauaques, e eventualmente os tufos ácidos, que pela sua compacidade poderão ser as fontes mais prováveis de material para a execução das estelas. Embora possam apresentar foliação mais ou menos acentuada são rochas menos friáveis do que os xistos e os pelitos.

No terreno, para além da existência de algumas lajes, apenas se observou um fragmento de dormente de mó manual, não sendo identificados vestígios de cerâmicas ou de outros elementos.

No entanto, julgamos que estes serão elementos suficientes para colocarmos a hipótese de aqui se ter localizado uma necrópole de cistas à qual a estela do Monte do Ulmo poderia ter estado associada. A monitorização do local durante a realização de futuros trabalhos agrícolas será de extrema importância para validar esta hipótese.

Esta localização levanta também algumas questões relacionadas com a ocupação deste território durante o Bronze Pleno.

Nesta propriedade já havia sido assinalada a presença de uma necrópole de cistas, com a descoberta em 1941 de quatro sepulturas, que Abel Viana haveria de observar dois anos mais tarde o que permitiu reconhecer a planta e dimensões de algumas cistas e registar a presença de "...um bocado de arma de ferro, parecido com um pedaço de espada..." (VIANA 1947: 10-11).

Mais tarde, Abel Viana refere que outras doze cistas foram abertas na sua presença, e foram recolhidos diversos materiais como "... uma folha de canivete, de bronze [...], um bocado da ponta de uma lança de ferro [...], um pedacito de haste de ferro [...], uma sovela de bronze [...], uma vasilha [...], um punhal de bronze..." para além de ossos humanos em diversas cistas, incluindo um possível enterramento múltiplo na sepultura n.º 12 onde foram registados quatro esqueletos, "...dois deles dobrados e, por assim dizer, completos, e os outros dois dispostos talvez já com os ossos enfeixados..." (VIANA e RIBEIRO 1956: 158-160).

Outro aspeto referente às práticas funerárias é-nos sugerido em publicação posterior de Fernando Nunes Ribeiro que dá conta de um

dos crânios recolhidos no Ulmo apresentar “...uma trepanação perfeitamente cicatrizada...” (1965: 32).

Esta necrópole parece ter sido uma das maiores da região Oeste de Beja, uma vez que todas as outras conhecidas raramente atingem a dezena de sepulturas identificadas, com exceção da necrópole das Mós onde se reconheceram dez cistas (SERRA 2014: 275, tabela 1).

Entre algumas das principais dúvidas que subsistem das informações publicadas, destacam-se a localização precisa da área de implantação desta necrópole, bem como a justificação da presença de materiais em ferro em diversas sepulturas, uma vez que não sabemos se se trata de erros de interpretação, ou se poderão dever-se a reutilizações mais tardias das sepulturas.

Julgamos que esta necrópole se deveria situar muito próxima ao Monte do Ulmo, por Abel Viana não ter sentido a necessidade de identificar a sua localização como fez em muitos outros casos.

A ser assim, poderemos ter duas necrópoles relativamente coevas na mesma herdade e distando apenas 1 km entre si, o que não prefigura nenhuma situação excecional já que também a curta distância se situa a necrópole da Corte da Azinha (VIANA 1954: 19), que dista apenas 400 m para sul – sudoeste do local de achado da estela e cerca de 1400 m em relação ao Monte do Ulmo.

Também não devemos esquecer que a estela do Assento terá sido descoberta nas proximidades do caminho de acesso ao Monte do Ulmo (VIANA e RIBEIRO 1956: 163). Importa aqui esclarecer que o caminho de acesso a que se referem os autores seria, à data da descoberta da estela do Assento, localizado na vertente inversa ao acesso atual, uma vez que a estrada municipal que liga Santa Vitória à Mina da Juliana ainda não existia, e que a anterior ligação rodoviária se efetuava pela zona agora ocupada pela albufeira da Barragem do Roxo cuja construção terminou em 1968. No entanto, há que referir que esta associação entre a estela do Assento e a necrópole do Monte do Ulmo pode ser pouco plausível uma vez que após consulta das cartas cadastrais desta zona, se constatou que as courelas de Pinheiro do Assento, as únicas onde surge o topónimo escolhido por Abel Viana para designar a estela mencionada, situam-se junto à saída sul de Santa Vitória a cerca de 2400 m a nortenoeste do Monte do Ulmo o que configura uma distância considerável para poder aceitar a associação proposta.

Face às sugestões colocadas permanecerá a dúvida se a estela do Monte do Ulmo corresponderá a uma necrópole inédita, como defen-

demos, ou se pertencerá ao local da necrópole epónima identificada por Abel Viana.

Discussão

A identificação da estela do Monte do Ulmo serve de mote para rever algumas das interpretações surgidas ao longo dos tempos acerca do único elemento aí representado, a enigmática figura do ancoriforme, bem como para lançar algumas propostas.

Sobre este elemento, convém em primeiro lugar fazer uma breve compilação de dados no conjunto das 32 estelas alentejanas conhecidas até à data, baseando-nos na proposta de Díaz-Guardamino (2010: 294, fig. 170) que inclui na sua numeração algumas estelas consideradas duvidosas como as de Atalaia (Ourique) ou de Bensafirim (Lagos) e às quais acrescentamos a estela inédita do Monte da Carniceira (São João de Negrilhos, Aljustrel), a estela de Milrei 1 (Vila do Bispo) recentemente dada à estampa (GOMES 2015: 121) e a agora publicada estela do Monte do Ulmo. Refira-se ainda que no catálogo de Varela Gomes (2006: 52, fig. 1 e 2015: 123, fig. 132) este não considera na sua classificação as estelas duvidosas mencionadas, nem a de Valencia de Alcântara para além da de Corgas (Donas, Fundão) só publicada em 2009 (BANHA *et al.* 2009).

Começando pela distribuição geográfica das 32 estelas consideradas, constatamos desde logo a grande concentração registada no Baixo Alentejo com 21 exemplares, a que se segue o Algarve com 7 registos, sendo as restantes áreas residuais em termos numéricos com uma presença para cada região documentada (Alto Alentejo, Beira Baixa, províncias de Cáceres e Córdoba) (FIG. 7).

Neste âmbito é ainda de salientar que Santa Vitória é a localidade com maior número de estelas identificadas, até ao momento, no seu território com um total de 7 (incluem-se as 3 estelas de Mombeja uma vez que essa localidade passou a integrar a união de freguesias agora criada).

Em termos tipológicos e de acordo com a classificação de Mário Varela Gomes destaca-se um maior número de estelas do subtipo A (10 incluindo a agora publicada), seguido do subtipo B (9 incluindo a estela inédita do Monte da Carniceira) e por fim o subtipo C (6 exemplares). Como indeterminadas ficam quatro estelas às quais haverá que acres-

centar três exemplares duvidosos incluídos na proposta de Díaz-Guardamino (2010). Esta autora elabora um critério diferente para a classificação das estelas alentejanas considerando cinco formatos distintos, mas para evitar tornar este exercício demasiado exaustivo limitamo-nos a referir que o formato 2, que inclui as estelas que apenas ostentam o motivo ancoriforme, são em número de sete com a inclusão da estela do Monte do Ulmo, sendo o segundo grupo mais expressivo numericamente a seguir ao formato 3, com nove exemplares, a que corresponde a associação entre espada e ancoriforme (*Idem* 2010: 309, fig. 180).

Importa aqui evidenciar a importância da representação do ancoriforme independentemente das matizes crono-estilísticas que a sua figuração possa assumir. Trata-se claramente de um elemento nobre e que aparece representado em 21 das 32 estelas alentejanas, contrastando com os outros objetos mais representados como a espada que surge em 16 ocasiões (FIG. 6). Já a alabarda também mencionada como um dos elementos importantes da iconografia das estelas alentejanas (*Ibidem* 2010: 323) apenas está representada em 5 exemplares (menos que os machados que surgem em 6 estelas) e nunca surge isolada, ao contrário do ancoriforme e da espada.

Este claro destaque assumido pela figura do ancoriforme associada à sua forma bizarra sem correspondência em nenhum arquetipo levou a diversas interpretações que foram sendo avançadas ao longo dos anos.

Logo após as primeiras descobertas, José Leite de Vasconcelos considerou que esta figura representaria um machado, tal como mencionou a propósito da estela de Santa Vitória, referindo apenas que era diferente do outro machado representado neste monumento (VASCONCELOS 1906: 182). Na descrição da estela de Trigaches 2 onde surge um ancoriforme isolado, Vasconcelos volta a insistir na hipótese de se tratar de um machado ou mesmo uma picareta! (*idem* 1906: 183). Mais tarde, a propósito da estela da Defesa volta a considerar o ancoriforme como um machado “...cuja lamina tem a fôrma de *pelta* e cujo cabo tem um appendice semi-lunar que lhe serve de extremidade...” (VASCONCELOS 1908: 300).

Esta hipótese generalizou-se e durante a primeira metade do século XX muitos arqueólogos portugueses e espanhóis a aceitavam, considerando o ancoriforme como um machado de combate (ALMAGRO BASCH 1967: 243).

Abel Viana e Fernando Nunes Ribeiro seriam dos primeiros a contestar esta estagnação interpretativa e colocaram a possibilidade de

se tratar de um elemento bélico, mas de cariz defensivo, pois que os restantes objetos que compunham a iconografia das estelas conhecidas assumiam uma função mais ofensiva, como a espada e o machado (não referem a alabarda e o arco). Julgaram assim que se poderia relacionar com a forma estilizada de um escudo, mas logo colocam a dúvida por este não ter sido representado de forma realista como os restantes objetos mais facilmente identificáveis. E ainda mencionam a hipótese de se tratar de um objeto votivo por se desconhecer a sua finalidade, chamando ainda a atenção para o facto de poder ser um objeto usado em suspensão, por algumas das figuras apresentarem "...uma pequena corda, ou tira de couro, para suspensão do dito objeto." (VIANA e RIBEIRO 1956: 162, 163).

Anos mais tarde, Fernando Nunes Ribeiro assume o desconforto que a interpretação do ancoriforme lhe traz afirmando "...confessamos não saber de que se trata e não vale a pena formular hipóteses sem a menor justificação..." (RIBEIRO 1965: 26).

Anteriormente Breuil havia feito uma valorização deste tema traçando paralelos com figuras "hachiformes" presentes em dolmens franceses e fabricadas em osso, tema que Almagro Basch haveria de desenvolver nos anos 60 do século passado (ALMAGRO BASCH 1967: 243 e 246).

O autor espanhol começa por tentar mostrar outras ocorrências de figuras similares em diversos âmbitos, como os objetos cerâmicos em forma de âncora do mediterrâneo oriental e os seus paralelos com os símbolos megalíticos franceses ou as estelas com figura de cabeça curva de França e Espanha (Castelnau-Valence, Villar del Ala e Troitoxende), para além dos paralelos que encontrou na arte rupestre (*Idem* 1967: 246, 247).

Almagro Basch atribui grande importância ao ancoriforme por este ser valorizado em todas as estelas como elemento central e possuindo grande realismo, o que lhe confere um significado especial que leva o autor a considerá-lo como importante símbolo religioso, um ídolo (*Ibidem* 1967: 247, 248).

Já Varela Gomes e Pinho Monteiro (1977: 202) considerariam o ancoriforme como um símbolo de autoridade, a que mais tarde o primeiro haveria de atribuir uma simbologia lunar, referindo ainda que se trataria de um objeto real talvez fabricado em madeira (GOMES 2006: 57), no seguimento das propostas de Breuil, que considerou poder tratar-se de um objeto de madeira maciça (ALMAGRO BASCH 1967: 250) ou

Almagro Basch que acrescentou a possibilidade de poder ser realizado em lajes muito finas de xisto (*Idem* 1967: 254).

Mais recentemente, Marta Díaz-Guardamino (2010: 300) na sua vasta análise às estelas decoradas da pré-história ibérica, que constituiu a sua tese de doutoramento, interpreta esta estranha figura como um emblema de tipo identitário, mas que também assumiria uma função prática na proteção de partes vulneráveis do corpo.

Deste breve historial acerca das interpretações dadas ao ancoriforme presente nas estelas alentejanas algumas questões nos surgem.

Em primeiro lugar, tratando-se de um objeto tão valorizado na composição iconográfica das estelas, onde surge num claro destaque só quebrado pela igualmente significativa presença da espada, não deveria este também ser realizado num material nobre? Dada a importância atribuída neste período aos objetos em metal seria de julgar que o ancoriforme também poderia constituir um objeto metálico, mesmo considerando a sua dimensão, muitas vezes equiparável às espadas, isto partindo do princípio que existe um certo equilíbrio em termos de escala entre os vários objetos representados.

A ausência deste elemento dos conjuntos fúnebres não deve ser considerado como justificação para o interpretar como objeto de material perecível, pois a ser assim quase nenhum dos objetos presentes nas estelas deveria corresponder a artefactos em materiais duradouros, pois como já alertava Schubart (1975: 107) estes permaneciam quase integralmente ausentes das necrópoles de cistas. Uma exceção a este cenário foi recentemente revelada com o aparecimento de uma espada em contexto sepulcral, na Horta do Folgão (Serpa), não em cistas, mas antes num hipogeu (VALÉRIO *et al.* 2012), realidade só recentemente documentada no Bronze do Sudoeste, o que permite pensar na possibilidade de um dia surgir o mesmo tipo de evidência no que ao ancoriforme diz respeito.

Mas se o estatuto atribuído ao ancoriforme era de facto muito especial, então também podemos ter em linha de conta que, independentemente do material em que era fabricado, este poderia não ser amortizado com o seu detentor, podendo perspetivar-se a sua passagem de testemunho ao longo de gerações, ou então, que em vez de ser transmitido poderia ser depositado em contextos naturais (grutas, meio aquático) o que justificaria esta “irritante” ausência do registo arqueológico.

Um aspeto relativo ao ancoriforme que não nos parece deixar dúvidas é a variedade de interpretações que tem gerado e a dificuldade de

lhe atribuir um significado claro, ou mesmo de perceber em que tipo de material teria sido realizado. Mas tal não se resolveria totalmente se este intrigante objeto um dia surgisse numa escavação arqueológica, que permitisse associar-lhe um contexto, ou como achado fortuito, pois que o significado que as comunidades da Idade do Bronze lhe atribuíam continuaria a escapar à nossa capacidade de compreender o passado.

Notas finais

Embora raros, os ancoriformes têm sido identificados enquanto objetos reais, para além dos assinalados nas estelas de tipo alentejano. A juntar aos mencionados no ponto anterior, como os paralelos dolmênicos em osso ou os objetos cerâmicos do mediterrâneo, bem mais perto da região baixo alentejana surgiram outros como por exemplo um pendente ancoriforme em osso do período calcolítico na Cova de la Barcella (Torremanzanas, Alicante, Espanha) (SOLER DÍAZ 2002: 394) ou o duplo ancoriforme em cerâmica da Lloma de Betxí (Paterna, Valência, Espanha) da Idade do Bronze ao qual é atribuída uma função no trabalho dos têxteis (PEDRO MICHÓ 1998: 213). Mas apesar de alguns paralelos formais, estes objetos não esclarecem as dúvidas acerca da associação dos ancoriformes das estelas alentejanas a artefactos reais, apenas demonstrando que se trata de uma forma escolhida pelas comunidades em várias épocas, para criar objetos quer práticos quer simbólicos, sem que apreendamos totalmente a justificação para a escolha da figuração curva que se convencionou designar por forma de âncora!

Não nos restam dúvidas que o ancoriforme seria um objeto real cujo significado seria facilmente reconhecido pelas populações do Bronze do Sudoeste e não uma estilização ou uma representação ideotécnica. No entanto no século XXI o seu significado continuará a envolver em silêncio...

A descoberta da Estela do Monte do Ulmo não se limita a acrescentar mais um ponto no mapa, mas antes permite tecer algumas considerações relevantes no quadro das problemáticas associadas às estelas de tipo alentejano e dar alguns contributos sobre a ocupação humana da Idade do Bronze nas planícies do Baixo Alentejo.

Em concreto, e apesar dos constrangimentos associados às condições que revestiram este achado, esta estela permite a reafirmação da importância da região de Santa Vitória no âmbito do Bronze do Sudoeste.

te, nomeadamente como área da maior concentração de monumentos deste tipo até hoje encontrados.

As vastas aplanações de Santa Vitória, consideradas como os mais perfeitos aplanamentos da penepianície alentejana (FEIO 1952: 31), são pontuadas por suaves relevos ondulantes onde surgem diversas necrópoles de cistas que seriam assinaladas por estelas. Estas seriam um dos escassos elementos que lhes confeririam alguma visibilidade face às suas arquiteturas discretas e que fariam destas necrópoles elementos agregadores na paisagem e de coesão social, num cenário cada vez mais pontuado por novas formas de ocupação recentemente descobertas e que tornam este mundo uma realidade cada vez mais complexa (SERRA 2014: 276-282).

AGRADECIMENTOS: Os autores pretendem expressar os seus agradecimentos à Câmara Municipal de Beja, em particular aos elementos que contribuíram quer para este artigo quer para garantir a salvaguarda da estela do Monte do Ulmo: Tânia Matias, Teresa Guerreiro, Maria João Macedo, José Maria Barnabé e Rui Aldegalega. Um agradecimento também para Julieta Romão, presidente da União de Freguesias de Santa Vitória e Mombeja pelo seu envolvimento direto na divulgação deste achado e na sensibilização desenvolvida junto da comunidade local. Por último um agradecimento muito especial a Cesário Colaço por ter permitido a identificação e estudo deste monumento não só por ser o seu descobridor mas também por ter aceitado doar a estela do Monte do Ulmo à Câmara Municipal de Beja para garantir a sua salvaguarda e posterior usufruto público.

BIBLIOGRAFIA

- ALMAGRO BASCH, M. (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- ALMAGRO BASCH, M. (1967) – Sobre la interpretación de las figuras en forma de hacha de las estelas decoradas alentejanas de la Edad del Bronce. *Arquivo de Beja* 23-24, p. 241-260.
- ALONSO-ZARZA, A. e TANNER, L. (2010) – Carbonates in continental settings - Geochemistry, diagenesis and applications. *Developments in Sedimentology, Elsevier*. 62.
- BANHA, C., VEIGA, A. e FERRO, S. (2009) – A estátua-menir de Corgas (Donas, Fundão). Contributos para o estudo da Idade do Bronze na Beira Interior. *Açafo Online* 2, p. 2-16.
- BORRELA, L. (2002) – *Contributo para a carta arqueológica do concelho de Beja*. Beja: texto policopiado.

- COELHO, L. (1975) – Nueva estela insculturada proveniente del Baixo Alentejo (Ervidel, Portugal). *Trabajos de Prehistoria* 32, p. 195-197.
- DÍAZ-GUARDAMINO, M. (2010) – *Las estelas decoradas en la Prehistoria de la Península Ibérica*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid. Tesis Doctoral.
- FEIO, Mariano (1952) – *A evolução do relevo do Baixo Alentejo e Algarve. Estudo de Geomorfologia*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura. Centro de Estudos Geográficos.
- GOMES, M. V. (1994) – A necrópole de Alfaroqueira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no concelho de Silves. *XELB*. 2.
- GOMES, M. V. (1995) – A Idade do Bronze no Algarve. In JORGE, S. (ed.) – *A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 140-143.
- GOMES, M. V. (2006) – Estelas funerárias da Idade do Bronze Médio do Sudoeste Peninsular – A iconografia do poder. In *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia (O Arqueólogo Português – Suplemento 3), p. 47-62.
- GOMES, M. V. (2015) – *The Vale da Telha Necropolis (Aljezur) in the context of the Southwest Iberian Bronze Age*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, Universidade Nova de Lisboa.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1977) – Las estelas decoradas do Pomar (Beja – Portugal). Estudio comparado. *Trabajos de Prehistoria* 34, p. 165-214.
- MATALOTO, R., MARTINS, J. M. e SOARES, A. M. (2013) – Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, Base de Dados, Tratamento Estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20, p. 303-338.
- OLIVEIRA, J. T. (Coord.) (1988) – Carta Geológica de Portugal, Folha 8, escala 1:200 000. *Carta Geológica de Portugal*. Lisboa: Serviço Geológico de Portugal.
- OLIVEIRA, J. T. (Coord.) (1992) – Notícia Explicativa da Folha 8 da Carta Geológica de Portugal, 1:200 000. *Carta Geológica de Portugal*. Lisboa: Serviço Geológico de Portugal.
- PAÇO, A., RIBEIRO, F. N. e FRANCO, G. L. (1965) – Subsídios para o estudo da cultura Argária no Alentejo. *Arquivo de Beja* 22, p. 149-156.
- PARREIRA, R. (1995) – Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior. In JORGE, S. (ed.) – *A idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 131-134.
- PEDRO MICHÓ, M. J. (1998) – *La Lloma de Betxí (Paterna, Valencia). Un poblado de la Edad del Bronce*. Valencia: Diputación Provincial de Valencia. Serie de Trabajos Vários. 94.
- RIBEIRO, F. N. (1965) – *O Bronze Meridional Português*. Beja.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit in Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Berlin: Walter der Gruyter & Co.
- SERRA, M. (2014) – Os senhores da planície. A ocupação da Idade do Bronze nos “Barros de Beja” (Baixo Alentejo, Portugal), *Antrope*, série monográfica 1, p. 270-296.

- SERRA, M. e PORFÍRIO, E. (2015) – Um novo achado do Bronze do Sudoeste. A estela do Monte do Ulmo (Santa Vitória, Beja). *Al-madan online* 20, Tomo 1, II Série, p. 108-109.
- SOARES, J. e SILVA, C. T. (1995) – O Alentejo Litoral no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular. In JORGE, S. (ed.) – *A Idade do Bronze em Portugal – Discursos de Poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 136-139.
- SOLER DÍAZ, J. A. (2002) – Cuevas de inhumación múltiple en la Comunidad Valenciana. *Bibliotheca Archeologica Hispana*. 17 – MARQ. Serie Mayor 2. Real Academia de la Historia – Diputación de Alicante, Madrid – Alicante.
- VALÉRIO, P., SILVA, R., PONTE, T., ARAÚJO, M. e SOARES, A. M. (2012) – Estudo arqueometalúrgico das dádivas funerárias dos hipogeus do Bronze Pleno do Sudoeste da Horta do Folgado (Serpa, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 19, p. 203-208.
- VASCONCELLOS, J. L. (1906) – Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Archeólogo Português* 11, Série 1, p. 179-189.
- VASCONCELLOS, J. L. (1908) – Estudos sobre a época do bronze em Portugal. *O Archeólogo Português* 13, Série 1, p. 300-313.
- VEIGA, E. (1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. Lisboa: Imprensa Nacional; Vol. IV.
- VIANA, A. (1947) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja* IV, fasc. I-II, p. 10-11.
- VIANA, A. (1954) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja* 11, p. 3-31.
- VIANA, A. e RIBEIRO, F. N. (1956) – Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. *Arquivo de Beja* XIII, fasc. I-IV, p. 153-167.

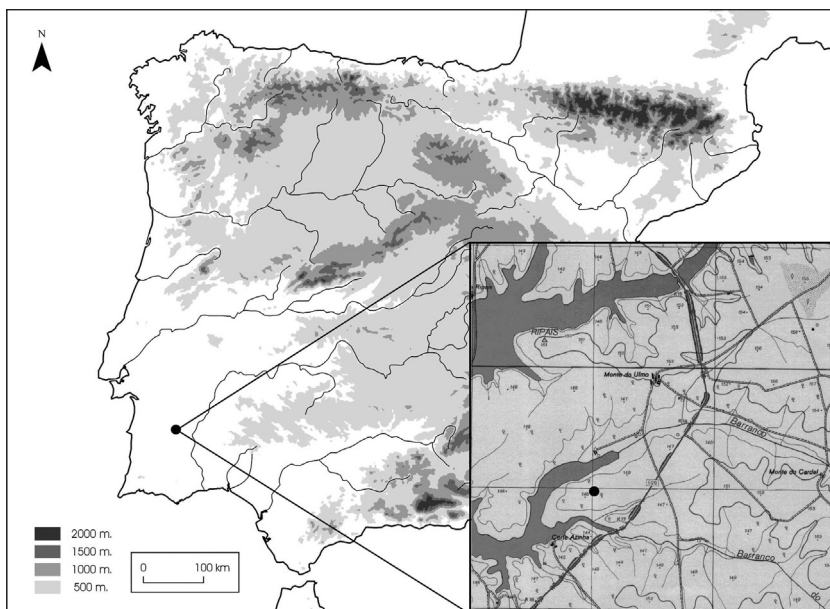


FIG. 1 – Localização do Monte do Ulmo (CMP 1:25000, n.º 530).



FIG. 2 – *Vista geral do terreno.*



FIG. 3 – *Lajes de grauvaque no terreno.*



0 5 10 15 25 cm




FIG. 4 – *Estela do Monte do Ulmo.*

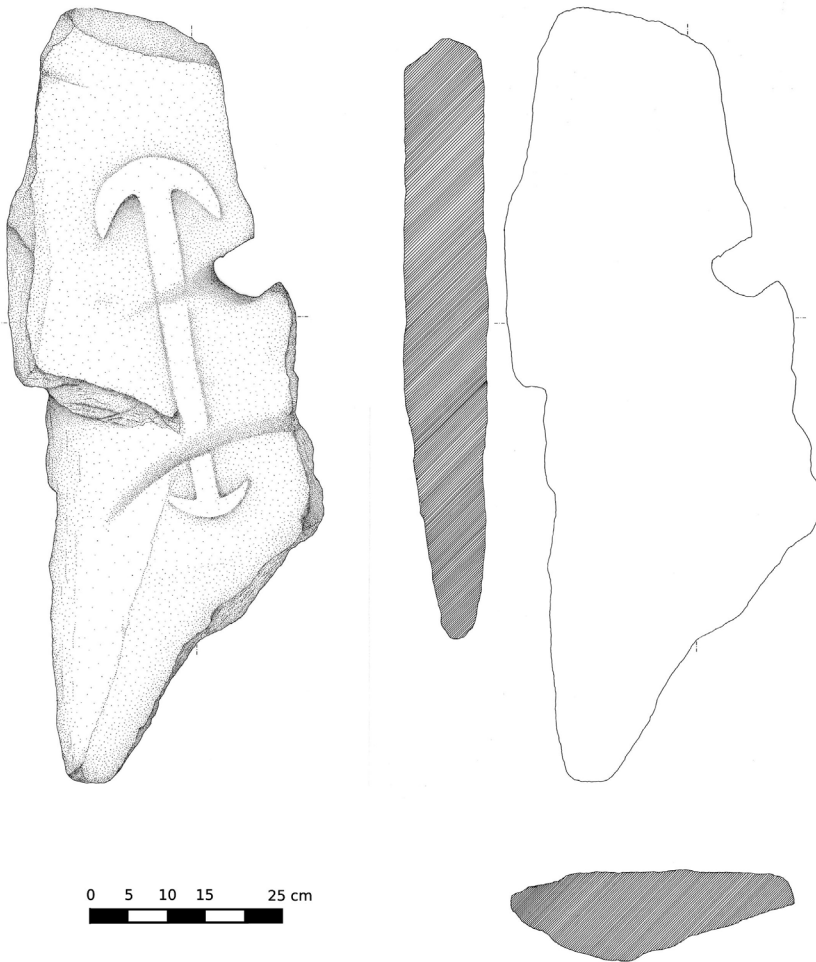


FIG. 5 – *Estela do Monte do Ulmo.*

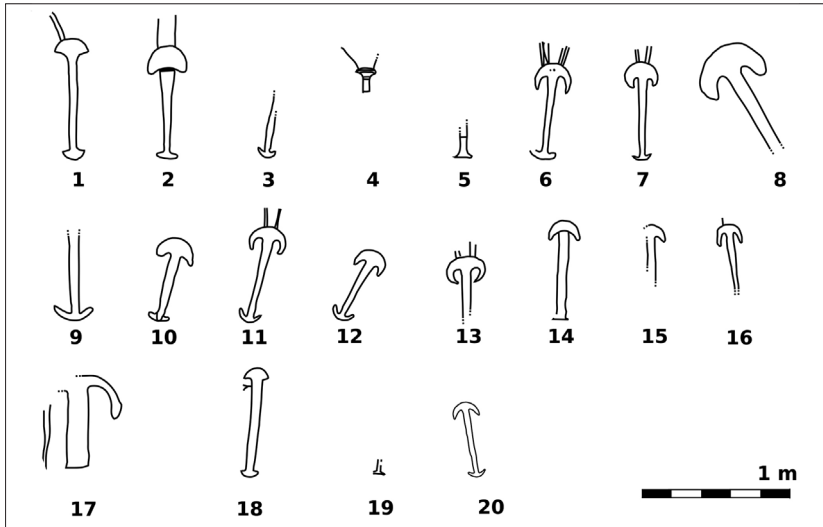


FIG. 6 – Estampa com motivos ancoriforme. 1 – Tapada da Moita, 2 – Abela, 3 – Trigaches II, 4 – Mombeja I, 5 – Mombeja II, 6 – Monte de Abaixo, 7 – Defesa, 8 – Panoias, 9 – Ervidel I, 10 – Santa Vitória, 11 – Pedreirinha, 12 – Assento, 13 – Castro Verde, 14 – Alfarrobeira, 15 – Passadeiras I, 16 – São Salvador; 17 – El Torcal, 18 – Donas, 19 – Milrei I, 20 – Monte do Ulmo.

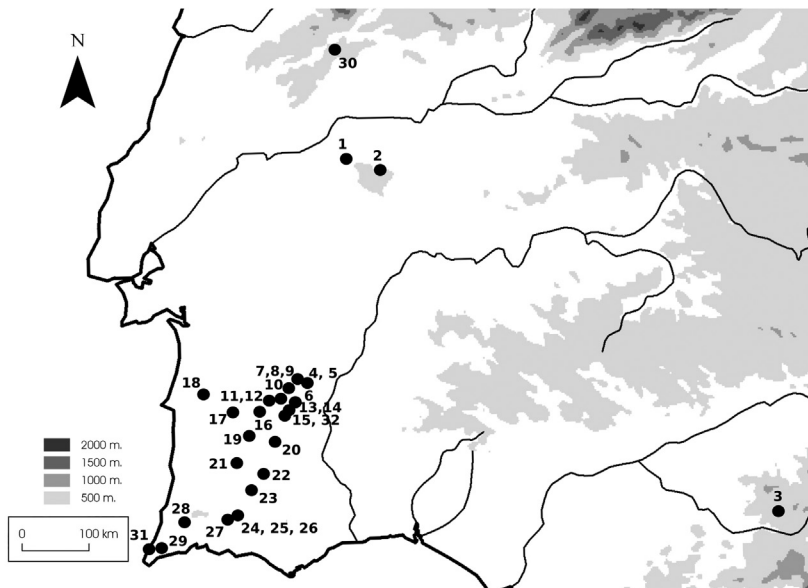


FIG. 7 – Mapa geral com distribuição das estelas de tipo alentejano. 1 – Tapada da Moita, 2 – Valência de Alcântara, 3 – El Torcal, 4 – Trigaches I, 5 – Trigaches II, 6 – Monte de Abaixo, 7 – Mombeja I, 8 – Mombeja II, 9 – Mombeja III, 10 – Ervidel, 11 – São João de Negrilhos, 12 – Monte da Carniceira, 13 – Santa Vitória, 14 – Pedreirinha, 15 – Assento, 16 – São Salvador, 17 – Defesa, 18 – Abela, 19 – Panóias, 20 – Castro Verde, 21 – Atalaia, 22 – Mourços, 23 – Gomes Aires, 24 – Passadeiras I, 25 – Passadeiras II, 26 – Passadeiras III, 27 – Alfarrobeira, 28 – Marmeleite, 29 – Bensafrim, 30 – Donas, 31 – Milrei I, 32 – Monte do Ulmo.

(Adaptado de Díaz-Guardamino 2010: 170 e Gomes 2015: 122).

Proveniência	Monte do Ulmo 3
CNS	35573
Freguesia	União de Freguesias de Santa Vitória e Mombeja
Concelho	Beja
Distrito	Beja
Altura	102 cm
Largura	38 cm
Espessura	11 cm
Motivo	Bi-ancoriforme
Altura do motivo	47,5 cm
Largura parte superior do motivo	16 cm
Largura parte inferior do motivo	11 cm (incompleta)
Largura parte central do motivo	4,5 cm (sup.) – 3 cm (inf.)
Distância espigão à parte inferior do motivo	32 cm
Suporte	Grauvaque
Técnica	Alto relevo
Conservação	Completa (com fraturas)
Subtipo	A
Local de depósito	Câmara Municipal de Beja

FIG. 8 – *Ficha técnica da estela do Monte do Ulmo.*